

A Cronenbergmania chega a São Paulo



Premiado com láurea honorária em Toronto, cineasta canadense renova seu séquito de fãs com filme e série no streaming e brilha na Mostra com 'O Senhor dos Mortos'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sete anos atrás, enquanto curti uma pausa em sua carreira cinematográfica para se dedicar a um projeto literário, o canadense David Cronenberg, o artesão maior do body horror, enviuvou com a perda de sua companheira, a montadora e diretora Carolyn Zeifman. A saudade e o luto que cercam essa perda serviram de base para "O Senhor dos Mortos" ("The Shrouds"), filme que o levou à disputa da Palma de Ouro, em maio, e o traz agora para a Mostra de São Paulo.

Com sessão nesta quarta (23), às 20h50, no Reserva Cultural 1, e no sábado, às 17h, no Reserva 2, a produção traz o francês (que adotou o Brasil como lar) Vincent Cassel como protagonista. Ele vive Karsh, um produtor de vídeos e empresário bem-sucedido que vive da melancolia alheia. Sua empresa, a GraveTech, localizada num cemitério que pertence a ele, permite que seus clientes vejam a deterioração dos cadáveres de seus entes queridos já finados.

Certa noite, vários túmulos são violados, incluindo o de sua esposa (papel de Diane Kruger), o que o leva a engatar uma investigação. "As cerimônias religiosas costumam operar na base do velamento, num princípio



Divulgação

Karsh (Vincent Cassel) no cemitério hi-tech que faz dele 'O Senhor dos Mortos' no novo longa de David Cronenberg

Divulgação TIFF



O realizador canadense com o troféu honorário do Festival de Toronto, batizado em tributo ao diretor Norman Jewison

de encobrir o que as pessoas perderam, e eu preferi construir uma dramaturgia em que isso fosse desvelado e exposto a um limite de enfrentamento, pois não penso na decadência dos corpos, não penso na finitude... penso nas experiências que registramos", disse Cronen-

berg em Cannes.

Aos 81 anos, seu nome é cercado por uma Cronenbergmania que ronda a Europa – e não só ela – e só faz crescer. Em setembro, ele foi homenageado no Festival de Toronto, o TIFF, com um troféu honorário pelo conjunto de sua obra, batizado com o nome do cineasta Norman Jewison (1926-2024), também nascido no Canadá. A láurea chegou num momento em que vários tributos a Cronenberg eram engatilhados, a reboque da excursão mundial de "O Senhor dos Mortos", que terá mais uma exibição na Mostra neste domingo, às 18h, no Kinoplex Itaim 1. Ele ainda brilha, como ator, na série "Star Trek: Discovery", na Paramount +.

No momento em que "Marcas da Violência" (2005), uma adaptação de HQs com Viggo Mortensen no papel central, levou o cineasta à Comic-Con de San Diego (o maior evento nerd do planeta) e virou um cult, a grife autoral de Cronenberg virou pop. Fora isso, há uma efeméride em torno de seu nome: em 2024, completam-se 55 anos de sua estreia em longas, demarcada pela estreia de "Stereo" (1969).

Seu filme anterior, "Crimes of The Future", hoje na MUBI, teve uma avassaladora carreira nos festivais e no streaming. Brillhou apesar de não ter sido premiada em sua passagem por Cannes, onde parte da plateia deixou a projeção incomodada com a repre-

sentação da fisiologia humana. Monumental, a fita é uma ficção científica catastrofista. Foi projetada ainda no 70º Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, numa homenagem a seu realizador, de onde ele saiu com o troféu Donostia, láurea honorária referente ao conjunto de sua obra... e à sua excelência.

Embalado numa serena trilha sonora de Howard Shore similar a um mantra, "Crimes of the Future" (título original) faz jus à toda a expectativa que o cercou na Croisette, onde brigou pela Palma de Ouro. É sublime! Foi o espetáculo autoral mais radical de Cannes, em sua edição nº 75 e gerou uma vasta quilometragem de resenhas inflamadas na imprensa europeia. É um filme perfeito em sua dramaturgia intimista e de uma riqueza inestimável em seu reflexo das angústias que movem o mundo em 2022. Estão em seu filosófico roteiro, filmado em Atenas, o abandono gradual do toque e do contato físico; a radical espetacularização das opiniões; identidades performáticas; doenças sistêmicas; e um conceito brilhante: "o design do tumor", que sugere o crescimento desenfreado de ideias comatosas. E some a tudo isso um Viggo Mortensen em estado de graça. Coroando tudo, há o fato de Cronenberg estampar sua marca venérea, intestinal, a cada plano, sem abrir mão, hora alguma, dos códigos de gênero da sci-fi, como faz agora em "O Senhor dos Mortos", nas mortalhas eletrônicas de Karsh inventa.

Ao Correio da Manhã, o cineasta respondeu que toda imagem, still ou em movimento, "é sempre uma ritualização da morte, por ser uma maneira de encapsular o Tempo, mas este age sobre os corpos num avanço que não pode ser paralisado".

Com "Crimes of the Future", o cinema mundial entrou num casulo onde revê as microfísicas do absurdo e do abandono de nosso tempo, aplaudindo o nascimento de um filme seminal. Há uma sequência nele que se candidata à posteridade: uma dança de um performer cego e de boca costurada que tem uma profusão de orelhas presas ao corpo. É um signo de nossa incapacidade corrente de ouvir o mundo... de escutar o outro. Talvez por isso, em "O Senhor dos Mortos", Cronenberg busque ouvir (e ver) defuntos: para entender a quietude eterna.